

## AUTORIA FEMININA NEGRA: ENTREVISTA COM MIRIAN CRISTINA DOS SANTOS

**Entrevistador:** Doutorando Felipe Alves de Oliveira

Mirian Cristina dos Santos é autora do livro "Intelectuais Negras: prosa negro-brasileira contemporânea", publicado pela editora Malê (2018); Doutora em Letras, Estudos Literários, pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF); Especialista em Políticas de Promoção da Igualdade Racial (2016), pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP); Mestra (2010) em Letras, Teoria Literária e Crítica da Cultura, pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ); Bacharela (2008) e graduada (2007) em Letras (Língua Portuguesa e suas Literaturas) pela mesma instituição. Atualmente trabalha com a escrita de mulheres negras na contemporaneidade, tendo interesse nos seguintes temas: Literatura negro-brasileira; Produções literárias escritas por mulheres; Estudos de gênero; Feminismos; Relações étnico-raciais.

**Sabemos que o pensamento das mulheres negras foi, e ainda tem sido silenciado e marginalizado pelos discursos dominantes, presente dos currículos das universidades brasileiras. Como foi a sua construção como intelectual negra? Ela aconteceu na universidade ou fora dela?**

Gosto de pensar a minha formação enquanto intelectual negra como um processo. Intitular-me hoje enquanto intelectual apenas a partir da minha formação acadêmica e desconsiderar toda uma história vivida é compactuar com um discurso dominante racista, machista e classista. Ninguém chega *tabula rasa* à Universidade, no entanto, é importante frisar a importância substancial dessa instituição na minha formação, afinal passei por três universidades federais ao longo de minha vida. No meu caso, a educação foi instrumento de mudança (Veja bem que não desconsidero nem invalido outros intelectuais negros fora desse âmbito!), na perspectiva de ampliar o meu olhar para que eu pudesse sistematizar o que eu já percebia sendo uma mulher negra e pobre na sociedade brasileira. Na Universidade Federal de São João del-Rei, ainda que naquele momento embasada em uma fortuna crítica europeizada, construí minha carreira de

pesquisadora ávida na busca por respostas. Já na Universidade Federal de Ouro Preto, durante a especialização em Políticas de Promoção de Igualdade Racial, e também no doutorado, na Universidade Federal de Juiz de Fora, tive disciplinas que contemplavam a produção intelectual de pessoas negras, o que serviu de subsídio para complementar a formação da intelectual que hoje sou.

**Logo na introdução do seu livro “Intelectuais Negras – Prosa Negro-Brasileira Contemporâneo” você afirma que o seu objetivo é discutir o papel da mulher negra intelectual na luta pela transformação da sociedade brasileira. Você vê com otimismo o cenário atual, marcado pelo crescente interesse no pensamento das mulheres negras?**

Embora na sociedade brasileira estejamos passando por um momento extremamente tenso em relação à conquista e à permanência de direitos das minorias, eu vejo com otimismo o cenário atual referente ao crescente interesse no pensamento das mulheres negras, uma vez que isso tende a proliferar e surtir bons resultados. É importante mencionar primeiramente que parte desse interesse se deu, acredito eu, a partir do encontro de dois grandes fenômenos dos últimos anos: as cotas raciais e a “popularização” do acesso à internet. Hoje inúmeras mulheres negras compartilham suas experiências nas redes sociais, tecem redes de afeto, recomendam leituras, indicam caminhos. Além disso, negras acadêmicas, muitas delas as primeiras de suas famílias a frequentar uma universidade, têm um papel importantíssimo neste fenômeno, ora reivindicando a descolonização de currículos, ora levando o pensamento de mulheres negras para os espaços públicos: salas de aula, clubes de leituras, rodas de conversas, feiras literárias, batalhas de *slams*, etc. Nesse cenário, vai sendo construída a sociedade que queremos, com um dever mais justo para a população negra, visto que o pensamento de mulheres negras possibilita outras versões dos fatos para que a história não siga sendo contada e considerada apenas sobre o ponto de vista dominante.

**Ainda sobre essa questão, Angela Davis, em recente visita ao Brasil, falou sobre a importância de Lélia Gonzalez para o pensamento feminista negro. A fala de Davis pretendia chamar a atenção para a invisibilidade da produção intelectual das mulheres negras do sul global. No livro você traz à tona a produção intelectual de três mulheres**

**negras falando a partir da periferia do mundo: Miriam Alves, Conceição Evaristo e Cristiane Sobral. Qual é a contribuição destas pensadoras para o pensamento feminista negro?**

Penso que a fala de Angela Davis foi importantíssima, é necessário considerarmos válida a produção intelectual de nossas pensadoras, principalmente para refletirmos sobre a nossa realidade. Miriam Alves, Conceição Evaristo e Cristiane Sobral são com certeza exemplos sintomáticos de pensadoras que movimentam a teoria e a literatura contemporânea a partir de um ponto de vista feminista negro da periferia do mundo. No livro “Intelectuais Negras”, proponho o reconhecimento de escritoras negras enquanto intelectuais. Nele abordo principalmente o papel de Miriam Alves, Conceição Evaristo e Cristiane Sobral no processo de luta por transformações sociais, principalmente no que tange a questões étnico-raciais, de gênero e de classe. Para mim, enquanto mulher negra, essas questões urgentes perpassam a necessidade de reparação das inúmeras violências, que atravessam a população negra de diversas formas, advindas de uma história de escravidão e de marginalização. Essas lutas decorrem de uma necessidade de desconstrução de estereótipos negativos, que nos envolvem, e até mesmo de uma necessidade de buscar o reconhecimento de nossa capacidade intelectual, a qual é diariamente questionada. Em “Intelectuais Negras”, essas questões são temas de primeira ordem, a partir do recorte feminista negro. Assim, denúncias de sexismo e racismo aparecem como traços candentes. E, ao se politizar o afeto, o cotidiano e o corpo negros, há um apelo por transformações sociais que se mostra urgente.

**Neste ano diversos livros, lançados por intelectuais negras, conquistaram o grande público. Foi um verdadeiro sucesso. Além disso, grandes nomes do feminismo negro, como Angela Davis, Patrícia Hill Collins e Grada Kilomba, passaram pelo país. Podemos considerar o ano de 2019 um marco para o pensamento feminista negro no Brasil?**

Com certeza, considero o ano de 2019 um marco para o pensamento feminista negro no Brasil. Acredito que a visita desses grandes nomes, além de deixar sementes promissoras, auxiliou no amadurecimento de outras. No entanto, é importante destacar que muito mais que a presença dessas mulheres, suas falas coesas com a nossa realidade foram de grande relevância para nos

repensarmos: Ângela Davis desafiou nós brasileiros a reconhecer a importância do discurso de nossas pensadoras; Collins nos lembroude que a esperança e a liberdade estão no centro da nossa política; e Grada Kilombanos apontou o nosso colonialismo cotidiano. Para quem é leitor dessas mulheres, essas nem outras questões frisadas por elas em suas visitas foram novidades, contudo a presença e a univocidade desses discursos ressoam e alcançam muitos ouvidos, principalmente daqueles que consideram válidas apenas referências vindas de fora. Eutenho certeza que neste ano de 2019 pensadoras brasileiras ganharam leitores, embasados na indicação das pensadoras externas, e algumas ações foram repensadas, o que surtirá colheitas positivas em futuro próximo.

**Como você observa o cenário atual, após a Lei de Cotas e a implementação da lei 10.639/2003, é possível “comemorar” ou ainda temos um longo caminho até o desmantelamento do racismo estrutural brasileiro?**

É muito difícil falar em comemoração neste momento de vigilância para a manutenção de direitos já conquistados, mas eu ainda consigo olhar para este momento presente com bons olhos. Eu entrei na Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), no curso de Letras noturno em 2004, a Lei de Cotas nem a implementação da Lei 10.639 ainda não eram uma realidade, os rostos eram outros. Este ano de 2019, estive em universidades e institutos públicos, em virtude do lançamento do “Intelectuais Negras”, nunca tinha visto essas instituições tão negras. Também é importante falar de mudança de currículo e da conquista de espaços simbólicos, meu corpo negro estar na academia palestrando sobre uma obra que trata de autoras negras já é o resultado de alguma mudança. Sei que ainda falta um longo caminho, ainda precisamos conquistar um lugar nos cursos elitizados, nas cadeiras docentes de graduação, pós-graduação, reitoria e curadoria, contudo, quando consideramos toda a história das instituições de curso superior no Brasil, sem romantismo, o presente ainda é melhor que o passado. Eu acredito!